

rosa de que, no arquivo da Academia de Paris, fôra venerada uma falsa unidade de mensuração como símbolo e relíquia sagrada da Razão onipotente e absoluta. A despeito desta descoberta, porém, o "metro normal" de Paris se manteve como se nada houvesse acontecido. Sòmente no ano de 1879 é que o metro, "le mètre vrai et définitif" foi legalmente introduzido nos principais Estados.

Neste procedimento dos adeptos da Razão, havia algo da inquebrantável certeza de Salvação que animara os discípulos obstinados em permanecer, dia e noite, em frente à casa de Ana Southcott, embora lá dentro os médicos já tivessem verificado há muito que estava vazio o ventre daquela que tinha de parir a Deus, muito embora o cadáver já fedesse até na rua. Os europeus do século XIX não se mantiveram menos fiéis ao culto da razão do que os milenários à sua esperança de ver despontar o reino dos mil anos; do que os felás ao Mahdí gordo, tornado comilão; do que os babistas a seu Bab morto a tiros; do que os mormons às sagradas tábuas de ouro na arca vazia. Tanto aqui como ali, era uma necessidade íntima que desafiava a todos os desmascaramentos, a tôdas as refutações — necessidade esta que nos leva a crer, na vida, em uma força qualquer independente e todo-poderosa, quer a denominem de "Messias", "grande lei universal" ou "razão absoluta". Pouco importava que o ventre que devia dar à luz o Salvador, que a arca que devia conter o santo livro mágico estivessem vazios, pouco importava que se demonstrasse a falsidade dos cálculos para o advento do reino da Salvação, pouco importava, enfim, que o metro, a soberba unidade de medida da Razão, não estivesse certo, — por mais desagradáveis que fôsem tais descobertas, com o tempo conseguiam impor-se, por obra da imperiosa necessidade de crer. Porisso também não se abandonaram a razão nem seu símbolo de medida, a despeito do pedantismo irreverente do professor de astronomia de Königsberg.

E' verdade que mais tarde se viram obrigados a corrigir discretamente o "metro normal" falso e a substituí-lo por um novo, consistente numa preciosa vara de platina e iridium, confiada a uma comissão internacional de quatorze cientistas e mantida permanentemente à temperatura do gêlo a derreter-se. Os quatorze cientistas, porém, sabem muito bem que a nova medida também não é absolutamente exata, e que, pelo contrário, oferece ainda um pequeno erro em relação a certas medidas aperfeiçoadas baseadas nas ondas luminosas.

A vara guardada no arquivo da Academia de Paris, destinada a servir de símbolo para a razão que tudo calcula, mede e pesa, passava assim a constituir, em verdade, o símbolo do paulatino abalo de tôdas aquelas virtudes. Com efeito em tôda parte aconteceu coisa parecida com as prerrogativas do entendimento calculador: de vez em quando, mas ininterruptamente erguia um dos muitos professores a sua voz

para revelar ao mundo que, outra vez, se tornara insustentável uma das bases na qual se fundara a pretensão da Ratio à onipotência. Os felás, os mormons e todos os milenários da razão, porém, nunca quiseram prestar ouvidos a tais cousas e preferiram apegar-se à certeza tranquilizadora de que a razão sabe tudo, calcula tudo e tudo mede, que só ela é absoluta, constante e invariável, em meio duma natureza e de uma vida em que tudo muda, tudo é incalculável e incomensurável.

*
* * *

Desde a época de Euclides, a humanidade pensara poder confiar ao menos na geometria, porquanto outras coisas pareciam duvidosas. E eis que, no ano de 1799, o célebre matemático C. F. Gauss escreve ao sábio Bolyai em Klausenburg: "O caminho enveredado por mim não sòmente vai ter ao alvo desejado como também sobretudo serve para tornar duvidosa a verdade da geometria".

Isto ainda ficou sendo um segrêdo entre alguns poucos pesquisadores e iniciados; porém, com o tempo, foi-se tornando cada vez mais geral a convicção de que se podia muito bem imaginar outras geometrias juntamente com a geometria euclidiana. Em relação àquelas, porém, até os teoremas e os axiomas mais simples do pensamento geométrico antigo perdiam todo valor.

E não foi sòmente a geometria, alicerce sôbre o qual se edificara todo o universo mecânico, que então mostrou ser uma ficção entre muitas outras igualmente possíveis. Simultaneamente, tôdas as outras hipóteses da Física se tornaram cada vez mais incertas e duvidosas no que diz respeito ao seu valor absoluto. Ainda se conseguia dar cabo da confusão introduzida na "mecânica clássica" pelas novas descobertas relativas à natureza da eletricidade e do magnetismo. Quando, porém, a cada passo, foi preciso afastar-se da crença numa substância inerte, quando ficou provado que esta, na realidade, não passava duma "deusa turbilhonante", dum "girar vertiginoso de partículas minúsculas as mais ínfimas", o sistema universal mecânico não tardou a perder seus caracteres de segurança e de certeza.

Ficou agora provado que todo o mundo dos corpos inorgânicos estava entregue a uma corrente contínua de movimentos vibratórios e rítmicos. Cada "matéria" era apenas energia, não havia "coisas", mas sòmenté ações. Nem os átomos, nem os elétrons podiam continuar a ser considerados como "verdadeiras partículas rígidas".

Enquanto se lidava apenas com uma "substância" grosseira, as "leis da natureza" eram certas. Aqui, porém, a razão pesquisadora esbarrava com o novo mundo fantástico do infinitamente pequeno, ante o qual suas medidas se tornavam impotentes. Ao mesmo tempo, evidenciava-se que aquelas "leis" nas quais se acreditou tão firmemente desde o século XVII, não passavam, na verdade, de "probabilidades"